

**OS CAVALOS COTERAPEUTAS DO GRUPO EQUILIBRIUM RURAL**  
**LOS CABALLOS COTERAPÉUTICOS DEL GRUPO EQUILIBRIO RURAL**  
**THE COTHERAPEUTIC HORSES OF THE RURAL EQUILIBRIUM GROUP**

Anna Paula Balesdent Barreira  
annabalesdent@gmail.com

Agatha Gabrielle de Souza  
lagatha.gabriellee@gmail.com

Tatianne Leme Oliveira Santos Godoi  
tatiannegodoi@yahoo.com.br

Maria Cecília Ferreira de Freitas  
sohamequoterapia@gmail.com

Andreza Amaral da Silva  
andrezamedvet@yahoo.com.br

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Brasil.

---

## **Resumo**

Cavalos são considerados facilitadores naturais da psicoterapia, pela intensa conexão com o mundo interior daqueles que o cercam. Este processo ainda não é bem elucidado, justificando o interesse sobre as Intervenções Assistidas por Equinos (IAE) e o papel do cavalo neste contexto. O Grupo EQUilibrium Rural é um coletivo que desenvolve IAE para promoção da saúde mental da comunidade da UFRRJ. O objetivo deste estudo foi observar o comportamento dos cavalos do grupo e suas habilidades como coterapeutas. Para isto, foi realizada avaliação dos cavalos a partir da observação da relação entre cavalo/cavalo e cavalo/humano, com base em parâmetros estabelecidos por McGreevy (2004). Observou-se a organização da manada na disputa por dominância, sinais de agressividade e de afetividade. O cavalo Vinícius mostrou ser o líder e observou-se a presença de dois pares de animais criados juntos, com comportamento epimelético (relação parental). Na relação cavalo/humano observou-se docilidade em todos os animais, com destaque para qualidade interacional (Petrus e Absinto Jr.), impetuosidade (Petrus), oscilação de disponibilidade para interagir (Arizona) e indiferença às pessoas (Vinícius e Veloz). Desta forma, ao conhecer melhor os cavalos do grupo, pode-se estabelecer maior qualidade interacional e prospectar sua potencialidade no desenvolvimento biopsicossocial dos praticantes e da equipe.

Palavras chave: Comportamento equino; intervenções assistidas por equinos, ansiedade; depressão; saúde mental.

## **Resumen**

Los caballos son considerados facilitadores naturales de la psicoterapia, debido a su intensa conexión con el mundo interior de quienes los rodean. Este proceso aún no está bien dilucidado, lo que justifica el interés en las Intervenciones Asistidas por Equinos (EIA) y el papel del caballo en este contexto. Grupo EQUilibrium Rural es un colectivo que desarrolla IAE para promover la salud mental en la comunidad de la UFRRJ. El objetivo de este estudio fue observar el comportamiento de los caballos en el grupo y sus habilidades como co-terapeutas. Para ello, los caballos fueron evaluados a partir de la observación de la relación caballo/caballo y caballo/humano, con base en parámetros establecidos por McGreevy (2004). Se observó la organización del rebaño en la disputa por el dominio, muestras de agresividad y afecto. El caballo Vinícius resultó ser el líder y se observó la presencia de dos parejas de animales criados juntos, con comportamiento epimelético (relación parental). En la relación caballo/humano, se observó docilidad en todos los animales, con énfasis en la calidad interaccional (Petrus y Absinthe Jr.), impetuosidad (Petrus), oscilación de disponibilidad para interactuar (Arizona) e indiferencia hacia las personas (Vinicius y Veloz). De esta forma, al conocer mejor a los caballos del grupo, es posible establecer una mayor calidad interaccional y prospectar su potencial en el desarrollo biopsicosocial de los practicantes y del equipo.

**PALABRAS CLAVE:** comportamiento equino; intervenciones asistidas por equinos, ansiedad; depresión; salud mental.

## **Abstract**

Horses are considered natural facilitators of psychotherapy, due to their intense connection with the inner world of those around them. This process is still not well elucidated, justifying the interest in Equine-Assisted Interventions (IAE) and the role of the horse in this context. Grupo EQUilibrium Rural is a collective that develops IAE to promote mental health in the UFRRJ community. The aim of this study was to observe the behavior of the horses in the group and their abilities as co-therapists. For this, the horses were evaluated based on the observation of the relationship between horse/horse and horse/human, based on parameters established by McGreevy (2004). It was observed the organization of the herd in the dispute for dominance, signs of aggressiveness and affection. The horse Vinícius proved to be the leader and the presence of two pairs of animals raised together, with epimeletic behavior (parental relationship) was observed. In the horse/human relationship, docility was observed in all animals, with emphasis on interactional quality (Petrus and Absinthe Jr.), impetuosity (Petrus), oscillation of availability to interact (Arizona) and indifference to people (Vinicius and Veloz). In this way, by getting to know the horses in the group better, it is possible to establish greater interactional quality and prospect their potential in the biopsychosocial development of practitioners and the team.

**KEYWORDS:** Equine behavior; equine-assisted interventions, anxiety; depression; mental health.

---

## **1. INTRODUÇÃO**

A preocupação com a saúde mental vem se consolidando na sociedade moderna como componente essencial para a saúde individual e coletiva. Cada vez mais observa-se que a qualidade de vida e o bem-estar dos indivíduos são resultantes da integração entre a saúde física, mental e social. Pode-se destacar exemplos desse novo conceito no anúncio de aposentadoria precoce de atletas que decidem cuidar da saúde mental; nos meios acadêmicos, que revelam altos índices de afastamento por questões psicológicas e até nos crescentes índices de ansiedade, depressão, estresse, síndrome de *burn out* e suicídio na sociedade em geral.

A pandemia da COVID-19 resultou no agravamento deste cenário já preocupante, pela perda de entes queridos, isolamento social, dificuldades financeiras pessoais e familiares, somados às consequências emocionais e físicas da doença em si. Estudos sugerem a ocorrência de mudanças no cérebro e no comportamento das pessoas como impactos negativos indiretos da infecção por SARS-CoV-2 (RAONY et al., 2020).

Percebendo esse cenário, foi criado em 2017 o Grupo EQUilibrium Rural de Intervenções Assistidas por Equinos (IAE) com foco no estímulo à saúde mental da comunidade acadêmica da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). O grupo desenvolve atividades de manejo consciente e de psicoterapia com o objetivo de aproximar o indivíduo da natureza e do conceito que nós humanos fazemos parte dela, além de propiciar o estabelecimento de vínculos empáticos com os cavalos, de forma a expressar e perceber as questões de seu mundo interior.

Ao desenvolver as atividades do grupo, observou-se a escassez de estudos sobre quais recursos emocionais o cavalo recorre, quando estabelece o vínculo empático com pessoas em situações de fragilidade emocional, motivando o estudo mais aprofundado sobre o comportamento equino.

Com base no exposto, o objetivo deste estudo foi analisar as características de temperamento e de comportamento dos cavalos da equipe de Intervenções Assistidas por Equinos do Grupo EQUilibrium Rural e suas habilidades como coterapeutas.

## **2. BASES TEÓRICAS**

### **2.1. Evolução e Domesticação equina**

Os cavalos possuem ancestrais de 55 milhões de anos (CINTRA, 2011), que sobreviveram por seu comportamento de presa, sempre alerta, se adaptando às condições ambientais, prontos para fugir de predadores em alta velocidade (McGREEVY, 2004).

Do *Eohippus* (cavalo primitivo) ao *Equus caballus* (cavalo moderno), houve evolução adaptativa ao ambiente, que resultou em mudanças fenotípicas observadas entre raças. Cavalos do centro europeu, com pastagens macias e temperaturas amenas tornaram-se mais altos, fortes e com cascos grandes; cavalos do norte, mais frio e pantanoso, ficaram com corpo atarracado e patas largas e os cavalos do sul, com temperaturas altas e pouca umidade, apresentam menor tamanho, patas finas e compridas. Houve também modificações comuns a todas as raças, como aumento do tamanho corporal, redução do número de dedos, desenvolvimento de cascos e mudanças nos dentes e no ceco, facilitando o aproveitamento das forragens e grãos. Quando considerado o desenvolvimento cerebral, o destaque da evolução foi o aumento do neocórtex, segmento cerebral relacionado ao aprendizado e às informações sensoriais (MILLS; NANKERVIS, 2005).

Há seis mil anos ocorreu a domesticação da espécie, que modificou sua rotina com provisão de alimentos, abrigo e proteção de predadores, mas por outro lado resultou em restrição de movimento, de interação social e de variedade de alimentos. Apesar destas mudanças, foram poucas as alterações no comportamento do cavalo domesticado, quando comparado aos selvagens (GOODWIN, 2007). Após a domesticação, o cavalo passou a participar da sociedade humana, inicialmente de atividades agrícolas, guerras e transporte e depois em atividades recreacionais e sociais. Em todas elas, foi estabelecido código de comandos que possibilitou interação estreita entre cavalo/humano (McGREEVY, 2004).

No entanto, esta interação vai além das modalidades equestres mais conhecidas. Hipócrates (458-370 a.C.) já sugeria no *Livro das Dietas* que a equitação deveria ser usada no tratamento de casos de insônia e de problemas no tônus muscular. A partir do século XVI, foi estabelecida a Equoterapia, que aborda a equitação como estímulo somatossensorial, sobretudo de pessoas portadoras de necessidades especiais (CHELINI; OTTA, 2016). No entanto, recentemente vem sendo aprofundado o conhecimento

sobre os aspectos biopsicossociais dessa conexão para promoção da saúde física, social e emocional dos praticantes. Surge então o termo "Intervenções Assistidas por Equinos" (IAE), que abriga atividades que vão além da montaria (NICOLETTI; MANUEL, 2019) e resultam em diferentes aspectos relacionados com o bem-estar das pessoas, como diminuição da frequência cardíaca, pressão arterial, percepção da dor, melhora do humor, do relacionamento interpessoal e da comunicação (FINE; BECK, 2010).

## **2.2. Comportamento Equino**

Independente da modalidade, a relação entre cavalos e humanos é facilitada por algumas particularidades comportamentais da espécie, como ser curioso e vigilante, resultado de seu comportamento de presa, que atualiza frequentemente a percepção do ambiente que o cerca (McGREEVY, 2004; MILLS; NANKERVIS, 2005). Acredita-se também que o jeito brincalhão do cavalo traga alegria ao praticante; sua temperatura e pelagem resultem em sensação de conforto; seu tamanho estimule a plena atenção e sua capacidade de empatia com praticantes, possa ressonar o mundo interior das pessoas que convivem com ele. Além disso, os cavalos usam ativamente a linguagem corporal, desenvolvendo comportamento específico a determinadas reações dos praticantes ou terapeutas. Eles se conectam com as pessoas, podendo espelhar suas emoções autênticas, oportunizando a ampliação da consciência e o estabelecimento de metáforas entre a atitude do cavalo e os terrenos não explorados em seu mundo interior (LEE; MAKELA, 2015).

Cavalos também são animais gregários e seguem estrutura social bem definida, o que contribui para a análise do comportamento social do praticante a partir dos vínculos estabelecidos (MILLS; NANKERVIS, 2005; RANSOM; CADE, 2009; LEE; MAKELA, 2015). Em cada manada, costuma haver uma fêmea dominante encarregada da organização diária e um macho alfa, responsável pela defesa do grupo (ROBERTS, 2005). A hierarquização de uma manada é baseada no comportamento de afiliação (epimelético) e pelas funções no rebanho (RANSOM; CADE, 2009).

A diferença entre a percepção humana e a equina pode ser explicada pelas particularidades de suas estruturas sensoriais. A visão equina é mais ampla, com maior acuidade visual a distância e foco auxiliado pela movimentação da cabeça. Cavalos são dicromatas, reconhecendo apenas duas cores básicas, azul e amarelo, mas a definição de quais cores o cavalo enxerga, ainda é polêmica. A audição é bem desenvolvida, auxiliada pela mobilidade das orelhas. Possuem maior capacidade para ouvir sons agudos do que os graves, quando comparados com humanos. Têm órgão vomeronasal bem desenvolvido, o que determina alta capacidade olfativa. E por fim, sua capacidade gustativa permite reconhecer coisas salgadas, doces, azedas e amargas (Mc GREEVY, 2004).

Alguns aspectos como nascimento, desmame, doma e rotina de exercício têm consequência direta no comportamento equino (*ibid*). O desmame, por exemplo, ao acontecer precocemente pode resultar em potros com maior afinidade com humanos do que com cavalos, representando distorção do comportamento natural da espécie (SARRAFCHI; BLOKHUIS, 2013).

Outro aspecto que influencia o comportamento e a relação entre cavalo/humano é a doma. A doma racional representa o método que estabelece um conjunto de códigos de interação, sem brutalidade, com base no uso da recompensa e da confiança. Já na doma tradicional, o contato com o homem acontecia por meio da contenção a força, onde o animal se debatia até aceitar pelo medo e cansaço, a dominância do homem. Fica clara a diferença do vínculo estabelecido nesses dois métodos e a percepção do papel do homem na vida deste cavalo (ROBERTS, 2005).

A doma pode ser vista como um evento estressante, mesmo quando aplicada de maneira humanizada. O estresse desta atividade é considerado prejudicial ao bem-estar dos animais, podendo gerar comorbidades físicas e rupturas emocionais. Na presença de um agente estressor são ativados dois eixos neuroendócrinos (simpático-adrenomedular e hipotálamo-hipófise-adrenal), que aumentam a

secreção de catecolaminas e produção de cortisol (ULRICH-LAI; HERMAN, 2009). Segundo Godoi (2018), o estresse pode ser definido como uma ameaça à homeostase. Neste sentido, a acupuntura apresenta-se como uma das ferramentas utilizadas para a redução do estresse (GUIMARÃES et al., 1997) por meio de estimulação da inervação da pele em pontos específicos, promovendo o relaxamento do animal.

### **2.3. O Cavalo Coterapeuta**

O cavalo coterapeuta atua como agente facilitador na retomada do equilíbrio emocional de humanos, tendo como um dos pilares a conexão intuitiva entre homem/animal/natureza, chamada de biofilia. Essa teoria se originou de uma perspectiva evolutiva, envolvendo a habilidade de sobrevivência, que defende que a observação e a interação com a natureza podem dizer sobre nós mesmos e sobre o mundo que nos cerca (LEE; MAKELA, 2015).

Segundo pesquisadores, a biofilia resulta no autoconhecimento, possibilitando a metacognição, ou seja, a gestão de seu processo de aprendizagem (ESPÍRITO SANTO, 2010). Esta conexão entre razão e emoção proporciona a consciência de si próprio e o desenvolvimento do equilíbrio, da autoestima, da autoconfiança e também do afeto (BEBER; SILVA; BONFIGLIO, 2014; LEE; MAKELA, 2015).

Estudos sugerem que os equinos apresentam abundância de neurônios espelho e isso explicaria sua capacidade de refletir os sentimentos mais profundos do indivíduo (PERKINS *et al.*, 2010). No entanto, a interpretação empírica da atuação destas células resultou em questionamentos sobre a veracidade destas interpretações. Pesquisas sistemáticas apontam para o sentido que os neurônios espelho atuam em ações de baixo nível de processamento, importantes para a perpetuação do comportamento das espécies, como fugir de predadores, buscar fonte de água e outras muitas ações copiadas entre indivíduos de um grupo (HEYES; CATMUR, 2020).

Outra hipótese para entender a capacidade do cavalo de perceber, copiar e ampliar o comportamento do praticante, atuando naturalmente como facilitador da psicoterapia é sua capacidade natural, como de outras espécies de estabelecer vínculo empático com humanos. Este vínculo foi primeiro descrito no Brasil por Nise da Silveira, psiquiatra que revolucionou os procedimentos terapêuticos na década de 50 no Rio de Janeiro. No hospital psiquiátrico onde trabalhava, substituindo procedimentos como terapia de choque e lobotomia por por atividades artísticas e zooterapia com cães e gatos, que assumiam a função de coterapeutas no acompanhamento dos pacientes (LEE; MAKELA, 2015; SILVEIRA, 1998). No entanto, a compreensão da empatia animal por meio de métodos científicos e não empíricos ainda é recente e carece de cuidado na aplicação correta de conceitos de empatia "afetiva", "motora" e "cognitiva", além de sua correlação com o sistema de neurônios espelho (LAMM; MAJDANDZIC, 2015).

Na equoterapia o movimento tridimensional do dorso do animal tem ação cinesioterapêutica no praticante, sendo este um dos fatores que mais influencia na escolha do cavalo. Assim, de acordo com a Associação Nacional de Equoterapia (ANDE-Brasil, 2018), essa seleção deve ter como base a andadura, que varia entre indivíduos em relação ao alcance e a frequência da passada do animal (LOPES et al., 2019; LERMONTOV, 2004). O cavalo que antepista apresenta passos curtos e de alta frequência, o que sobrepista tem média frequência e o que transpista, tem passos longos e de baixa frequência. Animais que antepistam proporcionam ao cavaleiro o aumento do tônus muscular, sendo indicado para praticantes hipotônicos. Os que sobrepistam são recomendados para praticantes com tônus oscilatório e os que transpistam, causam diminuição do tônus muscular, sendo ideal para praticantes espásticos e hipertônicos. No entanto, a frequência da passada pode aumentar e a amplitude diminuir de acordo com o aumento do peso do praticante na montaria (PFEIFER et al., 2012).

Já nas IAE os parâmetros são outros, havendo foco principal na qualidade interacional que o cavalo consegue estabelecer com humanos, sendo fator essencial a análise do temperamento e do comportamento equino (MARQUES et al., 2020). O cavalo deve ser selecionado com base na tranquilidade, estabilidade emocional, familiaridade no contato com humanos e receber cuidados veterinários como vacinações e controle parasitário (FREDRICKSON-MACNAMARA; BUTLERY, 2010). Além disso, é importante que seja garantido seu bem-estar, para que tenha saúde mental e estabeleça vínculo saudável com humanos (MARQUES et al., 2020).

O Relatório Brambell, publicado pelo Ministério da Agricultura da Inglaterra (1965), foi um marco na concepção do bem-estar animal, definindo o conceito das Cinco Liberdades: (1) Livre de sede, fome e má nutrição; (2) Livre de desconforto físico e térmico; (3) Livre de dor, injúrias ou doenças; (4) Livre para expressar o comportamento inerente à espécie e raça e (5) Livre de medo e estresse (BROOM, 2011). Mais recentemente, a AWIN - *Global Affiliate Marketing Network* (2015), afirmou que o conceito de qualidade em bem-estar dos animais se concentra em quatro eixos: boa alimentação, saúde, instalações e comportamento adequado.

### **3. DESENVOLVIMENTO**

#### **3.1. Criação do Equilibrium e suas atividades**

O Grupo Equilibrium Rural é composto por equipe transdisciplinar de IAE com foco no estímulo ao desenvolvimento psicossocial e bem-estar da população acadêmica da UFRRJ. Conta com a participação de docentes, discentes, funcionários técnico administrativos e cavalos, oferecendo dois tipos de IAE: atividades assistidas (AAE) representada pelo manejo consciente dos animais e psicoterapia assistida (PAE). Os componentes são provenientes principalmente dos cursos de medicina veterinária e de psicologia, havendo também participantes de cursos como zootecnia, educação física, engenharia florestal, agronomia, entre outros.

O grupo EQUilibrium, foi criado a partir de equipe envolvida com projeto de equoterapia da UFRRJ, de onde alguns membros decidiram aprofundar o enfoque no potencial da qualidade interacional do equino com pessoas em busca do fortalecimento ou recuperação de sua saúde mental.

Durante a pandemia, as atividades presenciais foram substituídas por videoconferências denominadas “Papo de Equilibrium”, que abordaram diferentes aspectos da interação cavalo/humano e seus benefícios para a saúde mental. No entanto, após liberação do Comitê Covid da UFRRJ, as atividades presenciais foram retomadas, mesmo antes das aulas, em função agravamento do estresse emocional da população acadêmica.

#### **3.2. Cavalos do Grupo EQUilibrium Rural**

Fazem parte da equipe cinco cavalos jovens, machos, castrados, com idade entre quatro e oito anos, sendo quatro deles da raça Mangalarga Marchador e um sem raça definida (SRD). O SRD (Petrus) foi doado ao grupo, enquanto os demais nasceram e foram criados na UFRRJ.

As principais características levadas em consideração no processo de seleção dos animais foram a docilidade e a receptividade em relação à aproximação humana. Houve também a preocupação de selecionar animais jovens, sem doma ou no início deste processo, para diminuir a possibilidade de ter havido alguma experiência negativa (*imprinting* negativo) na relação entre eles e humanos, que poderia refletir na qualidade interacional. Foram escolhidas duas duplas de cavalos criados juntos na fazenda da UFRRJ (Vinicius e Veloz/ Arizona e Absinto Jr.) e o Petrus, que integrou o grupo já adulto, mas com histórico de comportamento dócil com sua tutora.

Os cavalos foram unidos gradativamente entre 2017 e 2018, sendo mantidos a pasto e recebendo manejo que promovem sua saúde física e mental, de acordo com as condições da fazenda da UFRRJ e as recomendações da AWIN (2015).

### **3.3. Manejo Equino**

A saúde física e mental dos cavalos do grupo é promovida por um conjunto de ações que visam o atendimento das cinco liberdades do bem estar (livre de sede e fome, de desconforto físico, de dor ou doenças, de medo e estresse e livre para expressar o comportamento inerente à espécie).

As atividades incluem manejo diário, vacinação periódica, controle parasitário, exames laboratoriais semestrais, sessões de acupuntura e demais cuidados veterinários em situações de enfermidades ou lesões.

A tropa é mantida em sistema semi-intensivo de criação, possibilitando sua manutenção a pasto na maior parte do tempo e recolhimento para manejo uma vez ao dia. O pasto possui dois hectares, oferece livre acesso à água e área de sombreamento, o que garante o conforto térmico dos animais.

O manejo diário é composto por ações de rasquear, escovar, dar ducha, limpar e hidratar os cascos e, quando necessário, realizar o casqueamento.

A vacinação adotada é a antirrábica, realizada anualmente, como aplicada aos demais animais da UFRRJ. Como não há transporte de animais para atividades equestres externas ou chegada de animais novos no plantel da UFRRJ, não se faz necessária a realização dos exames de Anemia Infecciosa Equina e Mormo. O controle de endoparasitas é realizado com frequência trimestral, seguindo o sistema de rotação lenta de bases. Já o controle de ectoparasitas apresentou-se mais desafiador, com infestação intensa de carrapatos, justificando a necessidade de banhos e aplicação de *pour on* em bases mensais. Exames laboratoriais incluem hemogramas, bioquímica e exame de fezes, todos realizados em bases semestrais. Além disto, a tropa também conta com sessões semanais de acupuntura para reduzir o estresse.

A alimentação é realizada com base em gramíneas de pastoreio e feno (Tifton 85), ração concentrada fornecida duas vezes ao dia, em percentual recomendado para animais de manutenção (1% do peso vivo do animal) e suplementação de sal mineral. Quinzenalmente é realizada avaliação do escore corporal e mensuração do peso dos animais para análise sobre o protocolo nutricional. Também é realizada inspeção anual da cavidade oral, em busca de problemas dentários ou demais afecções que dificultem a alimentação.

A doma foi realizada ao longo de 2019, duas a três vezes por semana, por meio de ações de aproximação e exercício no redondel, passeios com o animal puxado e montado. Após adaptação à doma, foi observada melhora no comportamento dos cavalos e no estabelecimento dos códigos de comunicação entre cavalo/humanos. Além disso, a sessão semanal de acupuntura visa maior interação e relaxamento dos animais, facilitando o processo de doma.

### **3.4. Comportamento da tropa**

A análise do comportamento dos cavalos do grupo foi baseada na observação de suas reações na relação cavalo/humano e cavalo/cavalo. A primeira foi realizada durante AAE (compostas por ações de manejo consciente - *toilette*), PAE (psicoterapia), doma e sessões de acupuntura.

Já a análise da relação cavalo/cavalo foi observada principalmente durante o fornecimento de ração (concentrado), mas também quando os animais estavam soltos a pasto, sendo notadas relações de dominância e de afinidade.

A avaliação do temperamento e do comportamento dos cavalos da equipe foi estabelecida com base na observação da organização social, linguagem corporal, de acordo com as características comportamentais inerentes à espécie. Houve observação de aspectos comportamentais como: (1) comportamento de presa (atenção ao entorno e fuga), (2) comportamento de contato (proteção e afeto), (3) comportamento de ingestão e eliminação (frequência de micção e defecação), (4) comportamento sexual (interesse pelas éguas e reflexo de Flehmen), (5) comportamento epimelético (relação parental), (6) comportamento de investigação (curiosidade) e (7) comportamento agonístico (dominância/submissão) de acordo com as bases teóricas divulgadas por Mc Greevy (2004).

Sinais acústicos foram relevantes para familiarização da equipe com a comunicação equina. Relinchos significaram comunicação com seus pares, quando afastados; mastigação sem conteúdo como encorajamento para aproximação; curtas bufadas como medo ou frustração e gemidos como expressão de desconforto ou cansaço. Os sinais comunicacionais equinos foram valorizados, sendo evitado julgamento humano, já que demonstravam seu estado biológico, psicológico e social (MILLS; NANKERVIS, 2005).

## **4. ANÁLISE E DISCUSSÃO**

### **4.1. Organização Social dos Cavalos Coterapeutas**

A observação dos cavalos a pasto e sobretudo durante a ingestão do concentrado foi essencial para conhecer a hierarquia do plantel. Ao receber a ração era observado o comportamento eliminativo (defecação e micção), que segundo Mc Greevy (2004) tem o objetivo de marcação de território e comunicação química. Este fornecimento de ração era inicialmente realizado em baias, onde outros animais também receberam ração, justificando tal comportamento.

Posteriormente, o concentrado passou a ser fornecido em cochos individuais a pasto, possibilitando a observação de aspectos como dominância. De acordo com a hierarquia definida pelos próprios animais, o cavalo dominante (Vinícius) era sempre o primeiro a se alimentar, seguido sempre da mesma ordem de acesso ao cocho individual (Veloz, Petrus, Absinto Jr. e Arizona).

Também era observada afinidade entre os animais pela permissão de compartilhamento do cocho entre pares, que também se expressava quando os animais estavam soltos a pasto, onde as duplas Arizona/Absinto Jr. e Vinícius/Veloz eram evidentes. Segundo Mills e Nankervis (2005), a maioria dos cavalos possui um ou mais membros preferidos no plantel, justificando um seguir o outro, coçar mútuo e permanecer próximo. Este vínculo se estabelece após o desmame e se fortalece ao longo da vida. Como estes animais foram criados na UFRRJ, entende-se o vínculo observado.

O mesmo não ocorria com o Petrus, pois foi doado já no início da fase adulta para o grupo. Ao se sentir isolado e frustrado, Petrus mostrava-se agressivo com os demais animais, buscando a dominância. De acordo com Mc Greevy (2004), a dominância pode ser conquistada em uma batalha ou nas ações do dia a dia, como no momento da alimentação, quando coletiva. Desta forma, apesar das tentativas, ele não alcançou o posto de líder do grupo.

### **4.2. Comportamento Individual e Potencial como Coterapeuta**

O manejo diário e as ações da psicoterapia possibilitaram o contato com cada animal, viabilizando a percepção de seu comportamento por meio da aceitação do contato cavalo/humano, estabelecimento de afinidades e brigas por atenção.

#### **4.2.1. Animal 1 - Petrus**

Petrus é um cavalo SRD, de pequeno porte, com histórico de ser filho de uma égua de carroceiro. Foi desmamado precocemente, adotado por uma aluna de veterinária da UFRRJ, amamentado artificialmente e permaneceu com ela até os quatro anos de idade. Neste período, foi mantido no quintal da casa e posteriormente em um sítio, sem contato com outros cavalos.

Na sua chegada na UFRRJ ficou em piquete com égua madrinha da raça Bretã, idosa, a fim de facilitar sua adaptação. Apresentava-se sempre atento ao entorno, fugindo quando alguém se aproximava, mas sempre curioso com pessoas e objetos (comportamento de presa). Apresentou também comportamento sexual, tentando montar na égua, apesar de castrado e agressividade (comportamento agonístico) no contato com a égua madrinha, principalmente durante a alimentação. O comportamento epimelético esperado, que consta na criação de vínculo parental vivenciado pelo potro e sua mãe, não foi estabelecido entre ele e a égua madrinha.

Após ser levado para o pasto dos animais do Grupo EQUilibrium Rural, manteve o comportamento agonístico, sobretudo durante alimentação e na disputa por atenção das pessoas da equipe. O comportamento sexual também era marcante, resultando em fuga e acidente na cerca, para se aproximar das éguas mantidas em outros pastos.

Mostrou-se agressivo, sobretudo com o Absinto Jr., com quem apresentava comportamento agonístico representado por murchar orelhas, estender pescoço e cabeça, abrir a boca e mimetizar mordidas e guinchos. Suas ações resultaram na postura protetora do Arizona em relação ao Absinto Jr., que se colocava entre eles, enfrentando as investidas do Petrus.

Apesar de buscar a dominância, esse posto não foi alcançado pelo Petrus. Talvez por seu porte pequeno ou pela falta de respeitabilidade frente aos outros animais, que não o conheciam desde a infância. Inicialmente, cogitou-se que a mudança de local e o ambiente insatisfatório, com pasto impróprio para a espécie, poderia justificar suas atitudes, como postulado por Garcia e colaboradores (2010), que afirmaram que o conforto térmico e físico influenciam o comportamento e o bem-estar do animal.

Ao longo dos anos, Petrus apresentou melhora na interação com os componentes do grupo, mas seu temperamento intempestivo vem expressando a busca contínua pela dominância do grupo.

Apesar disso, quando considerada a interação com as pessoas, Petrus mostrava-se alegre, atento e interativo. Um pouco voluntarioso, como uma criança mimada, mas sempre sensível às pessoas ali presentes, demonstrando grande potencial como coterapeuta. Esta facilidade no relacionamento com pessoas pode estar relacionado com seu desmame precoce, seguido por amamentação artificial pela tutora, que fortaleceu o vínculo entre o animal e humanos, em detrimento da relação entre ele e demais equinos (McGREEVY, 2004).

#### **4.2.2. Animal 2 - Arizona**

Na relação com os outros cavalos, Arizona apresentou nítida afeição pelo Absinto Jr., como já descrito e, embora apresentasse porte semelhante ao do Vinícius, aceitava sua dominância.

No contato com humanos, Arizona se mostrava amigável, mas um pouco impaciente, relutando em alguns dias na aceitação de ações de manejo geral. Desta forma, observou-se a necessidade de uma triagem por parte da equipe com a finalidade de verificar seu humor do dia, antes que ele participasse das IAE.

#### **4.2.3. Animal 3 - Absinto Jr.**

Na relação com os demais cavalos, mostrava-se submisso e até desamparado, quando distante do Arizona.

No entanto, ao contato com humanos apresentava-se como um cavalo tranquilo e bastante receptivo. Aceitava bem ser abraçado e acariciado pelas pessoas. Só revelava temperamento não amigável quando iniciou o processo de doma no redondel, no qual mostrou-se bastante resistente aos comandos, o que foi melhorando com o tempo. Segundo Roberts (2005) a conexão cavalo/humano deve ser trabalhada durante a doma, utilizando a linguagem equina, expressa principalmente o posicionamento do corpo e a direção da sua movimentação.

Desta forma, acredita-se que seja um bom cavalo terapeuta pela docilidade, mas deve-se sempre estar atento a uma reação como a observada na doma, quando ele foi contrariado e demonstrou não ser tão submisso e sim um pouco teimoso e até voluntarioso.

#### **4.2.4. Animal 4 - Vinícius**

Vinícius é o líder do grupo, por isso é o primeiro a se alimentar e só divide o cocho de ração com seu par Veloz, por quem demonstra fidelidade e comportamento epimelético, de proteção parental.

É cheio de vida, amigável, mas tem temperamento forte. Estabelece vínculo com as pessoas, mas não todos os dias. Em alguns dias parece estar mais interessado no que acontece no ambiente do que na relação com as pessoas. O comportamento mais arredio do Vinícius em relação às pessoas pode ser associado ao fato dele ter sido incorporado ao grupo por último, considerando que o vínculo de confiança é construído gradativamente (MILLS; NANKERVIS, 2005).

Como terapeuta tem a favor dele a índole da liberdade e da força, que podem fortalecer a coragem nas pessoas que participam da TAE.

#### **4.2.5. Animal 5 - Veloz**

Animal calmo, carinhoso, mas por vezes parece testar o propósito das pessoas durante a aproximação. Resiste às ações de rotina como escovar a cabeça, pentear o topete ou limpar os cascos, mas caso você insista na ação, ele costuma ceder e aceitar o manejo. Quando solto no pasto, não demonstra muita vontade de buscar o contato com as pessoas. A entrada do Veloz no grupo ocorreu na mesma época que o Vinícius, o que pode justificar a construção do vínculo ainda em processo, como já comentado.

Na tropa, aceita a dominância do Vinícius sem problemas. Recebe ataques do Petrus sem revidar, se afastando quando necessário.

Seu perfil de terapeuta ainda está em desenvolvimento, visto que ele não demonstra muita curiosidade por humanos, seja por medo ou por indiferença. Como parece ser um cavalo mais inseguro, talvez precise de mais tempo de capacitação para confiar nos humanos e interagir mais intensamente com as pessoas.

## **5. CONCLUSÃO**

Com base no exposto, conclui-se que o estabelecimento de rotina diária de manejo possibilitou observações sobre o comportamento dos cavalos coterapeutas do Grupo EQUilibrium Rural e fortaleceu o vínculo de confiança entre eles e os membros da equipe.

Observou-se a organização da manada na disputa por dominância, agressividade e afetividade, sendo Vinícius o líder do grupo. Há também dois pares de animais, com comportamento epimelético, criados juntos e que desenvolveram relação parental de confiança, afeto e proteção.

Na relação cavalo/humano observou-se docilidade em todos os animais, com destaque para qualidade interacional (Petrus e Absinto Jr.), impetuosidade (Petrus), oscilação de disponibilidade para interagir (Arizona) e indiferença às pessoas (Vinícius e Veloz).

Desta forma, ao conhecer o comportamento de cada cavalo do grupo, pode-se estabelecer maior qualidade interacional e potencialidade no desenvolvimento biopsicossocial dos praticantes e da equipe. No entanto, há a necessidade de sistematização do processo de avaliação do comportamento, a fim de possibilitar análise com bases científicas.

## **REFERÊNCIAS**

ANDE-BRASIL. Associação Nacional de Equoterapia O Método Brasília, DF:ANDE 2020 Disponível em: [http://equoterapia.org.br/articles/index/article\\_detail/142/2022](http://equoterapia.org.br/articles/index/article_detail/142/2022) Acesso em: 20 jul 2020

AWIN - Welfare assessment protocol for Horses AWIN, 2015. AWIN welfare assessment protocol for horses. European Union's Seventh Framework Programme DOI: 10.13130/AWIN\_HORSES\_2015

BEBER, B.; SILVA, E.; BONFIGLIO, S.U. Metacognição como processo da aprendizagem Rev. Psicopedagogia v. 31, n. 95, p. 144-51, 2014.

BROOM, D.M. Bem-estar animal In: Comportamento Animal 2.ed. YAMAMOTO, M.E.; VOLPATO, G.L., p. 457-482. Natal: Editora da UFRN, 2011. 28 p.

CHELINI, M.O.M.; OTTA, E. Terapia Assistida por Animais Barueri: Manole, 2016. 364 p.

CINTRA, A.G.C. O Cavalo: características, manejo e alimentação. São Paulo: Roca 2011, 384 p.

ESPÍRITO SANTO, R.C. Autoconhecimento e Consciência. Revista Interdisciplinaridade v.1, n. 0, p. 01-83, out, 2010.

FINE, A.H.; BECK, A. Understanding our kinship with animals: input for health care professionals interested in the human/animal bond In: FINE, A.H. Handbook on Animal – Assisted Therapy Theoretical Foundations and Guidelines for Practice. 3.ed. San Diego: Elsevier, 2010, cap. 1, p.3-15.

FREDRICKSON-MACNAMARA, F.; BUTLERY, K. Animal selection procedures in animal-assisted interaction programs In: FINE, A.H. Handbook on Animal – Assisted Therapy Theoretical Foundations and Guidelines for Practice. 3a ed. San Diego: Elsevier, 2010, cap. 7, p. 111-134.

GARCIA, H.A.C; FURTADO, C.E.; SONCIN, M.R.S.P.; WANDEMBRUCK, K.T.; POLIZEL, V.P.; TORRECILHAS, J.A. Diferença comportamental entre potros, machos e fêmeas, cruzados Puro Sangue Inglês e Mangalarga submetidos a início de cabrestamento e estabulagem Revista da FZVA. Uruguaiana, v.17, n.2, p. 221-232. 2010.

GODOI, T.L.O.S. Efeito da Acupuntura nas respostas fisiológicas de equinos submetidos a diferentes tipos de estresse. 2018. Tese (Doutorado em Medicina Veterinária). Instituto de Veterinária, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, 2018.

GOODWIN, D. Horse behaviour: evolution, domestication and feralisation. In: The welfare of horses. Springer: Dordrecht, 2007, cap. 1, p. 1-18.

GUIMARÃES, C.M.,PINGE, M.C.M., YAMAMURA, Y., MELLO L.E.A.M.. Effects of acupuncture on behavioral, cardiovascular and hormonal responses in restraint-stressed Wistar rats. Braz J Med Biol Res, v.30, n.12, p.1445-50,1997.

- HEYES, C.; CATMUR, C. What happened to mirror neurons? PsyArXiv, 2020. DOI: 10.31234/osf.io/dtnqg
- LAMM, C.; MAJDANDZIC, J. The role of shared neural activations, mirror neurons, and morality in empathy – A critical comment *Neuroscience Research* n. 90, p. 15-24, 2015.
- LEE, P. T.; MAKELA, C. Horses Roles in Equine-Assisted Psychotherapy: Perspectives of Mental Health Practitioners. *Journal of Psychology and Behavioral Science* v. 3, n. 1, p. 78-95, 2015.
- LERMONTOV, Tatiana. *A Psicomotricidade na Equoterapia*. São Paulo: Idéias e Letras, 2004. 128 p.
- LOPES, J.; PRIETO, A.V.; SANTOS, J. A. T.; SMAILI, S. M.; BARBOSA, P. J.G.F. Efetividade da equoterapia na marcha de crianças com paralisia cerebral: revisão sistemática de ensaios clínicos *Rev Bras Neurol* v. 55, n. 1, p. 25-34, 2019.
- MARQUES, V.O.; CRUZ, L.F.L.; FOURAUX, C.G.S.; COSTA, V.V.; BARREIRA, A.P.B.; SILVA, A.A. Psicologia nas Intervenções Transdisciplinares com Equinos junto à Criança com TEA In: PEIXOTO, A.C.A.; VICENTE, C.C.; ROCINHOLI, L.F. *Práticas na formação em psicologia: supervisão, casos clínicos e atuações diversas*. Curitiba: Appris, p. 139-162, 2020. ISBN 978-65-5523-778-8.
- McGREEVY, P. *Equine Behavior A Guide of Veterinarians and Equine Scientists* Philadelphia: Saunders, 2004. 369 p.
- MILLS, D.S.; NANKERVIS, K.J. *Comportamento Equino: princípios e prática*. São Paulo, Roca, 2005. 213 p.
- NICOLETTI, M.A.; MANUEL, P.R. Terapia assistida por animais (TAA) ou atividade assistida por animais (AAA): incorporação nas práticas integrativas e complementares no SUS *Infarma: Ciências Farmacêuticas* v. 31, p. 248-58, 2019.
- PERKINS, T.; STOKES, M.; MCGILLIVRAY, J.; BITTAR, R. Mirror neuron dysfunction in autism spectrum disorders *J Clin Neurosci* v.17, n.10, p. 1239-43, 2010. doi: 10.1016/j.jocn.2010.01.026. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/20598548/> Acesso em: 20.12.2020.
- PFEIFER, O.; THAYS, L.; PITZER NETO, V.E.; SANTOS, P.L.; SAES, M.O. EQUOTERAPIA. A influência da variação do peso na frequência do passo do cavalo *Ensaio e Ciência: Ciências Biológicas, Agrárias e da Saúde*, v. 16, n. 3, p. 39-48, 2012. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/260/26029237004.pdf> Acesso em: 12.03.2020
- RANSOM, J.I.; CADE, B.S. Quantifying equid behavior: A research ethogram for free-roaming feral horses *U.S. Geological Survey Techniques e Methods* 2-A9, 2009 23 p. Disponível em: <https://pubs.usgs.gov/tm/02a09/pdf/TM2A9.pdf> Acesso em: 18.01.2021.
- RAONY Í, de Figueiredo CS, Pandolfo P, Giestal-de-Araujo E, Oliveira-Silva Bomfim P and Savino W (2020) Psycho-Neuroendocrine-Immune Interactions in COVID-19: Potential Impacts on Mental Health. *Front. Immunol.* 11:1170. doi: 10.3389/fimmu.2020.01170
- ROBERTS, M. *O homem que ouve cavalos* 8.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005. 339 p.
- SARRAFCHI, A.; BLOKHUIS, H.J. Equine stereotypic behaviors: Causation, occurrence, and prevention *Journal of Veterinary Behavior* v. 8, n. 5, p. 386-394, 2013. disponível em <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S1558787813001226> acesso em: 10.03.2021
- SILVEIRA, N. da. *Gatos, a emoção de lidar* Rio de Janeiro: Léo Christiano Editorial, 1998. 72 p.
- ULRICH-LAI, Y. M.; HERMAN, L. P. Neural regulation of endocrine and autonomic stress responses. *Nature Reviews Neuroscience*, v.10, p. 397-409, 2009.

Recebido em: 31/03/2022.

Aceito em: 19/06/2022.

Endereço para correspondência:

Nome: Anna Paula Balesdent Barreira

E-mail: annabalesdent@gmail.com



Esta obra está licenciada sob uma [Licença Creative Commons Attribution 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)